

## Stand up Clown: pontos de contato entre as práticas do *stand up comedy* e do palhaço<sup>1</sup>

Thiago Henrique Fernandes Coelho<sup>2</sup>

Ana Elvira Wu<sup>3</sup>

**Resumo:** Esse estudo relaciona as práticas do palhaço/clown e do *stand up comedy*, aliado às experiências em disciplinas no curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia, participação no projeto de extensão Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores e Grupo de estudos da comicidade do ator (GECA). A partir das práxis e reflexões teóricas descritas acima observou-se as formas diferenciadas com que as duas linhas de trabalho (palhaço e *stand up comedy*) se apresentam para uma plateia. Essa pesquisa parte tanto de uma abordagem teórica, com base em referências bibliográficas sobre palhaço e *stand up comedy*, como também de uma prática, agregando um trabalho de campo em convivência/observação dos palhaços e o próprio autor da pesquisa participando como palhaço no hospital.

114

---

<sup>1</sup> Artigo realizado como resultado de projeto de pesquisa do PIBIC, bolsa FAPEMIG/UFU 2016.

<sup>2</sup> Mestrando em Artes Cênicas na Universidade Federal de Uberlândia. Graduado no curso de teatro da mesma instituição em bacharelado e licenciatura. Anteriormente cursou 3 períodos do curso de geografia na mesma instituição. Participa do grupo de pesquisa- Grupo de Estudos da Comicidade do Ator (GECA) e do projeto de extensão Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores desde 2016.

<sup>3</sup> Orientadora: Professora Adjunta do Curso de Teatro do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (2014) -Doutora em Artes da Cena, programa de pós-graduação -Instituto de Artes da UNICAMP (2013) formação: Graduada em Artes Cênicas pelo Departamento de Artes Cênicas-Instituto de Artes pela Universidade Estadual de Campinas (1993), pesquisadora em técnicas de ator - LUME - UNICAMP (1994-1998), possui mestrado em Estudos do Lazer em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em Pedagogia do Movimento-Corporeidade em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Pós-doutorado em Linguística no IEL - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP (2008- 2011). Pós- doutorado em andamento na Faculdade de Educação Física – UNICAMP (2019-2020).

Para tal, dá-se uma breve definição da etimologia da palavra palhaço e um breve resumo da história do *stand up comedy*. Com isso, foram definidas categorias de observação para tentar tecer comparações, tais como: corporal, textual, temática, crítica e a recepção. Com base no estudado e discutido, considere-se que um dos pontos que mais liga o *stand up comedy* com o palhaço/*clown* é a naturalidade/espontaneidade e também o fato de os dois não terem medo de se colocar como ridículos em cena. Ambos fazem uma exposição das fraquezas humanas, pois o homem não é feito só de sucesso, temos o lado fracassado, o imperfeito/ridículo, mas que a sociedade capitalista tenta esconder em busca de resultados positivos. A comédia mostra como o ser humano é imperfeito nos seus comportamentos, revelando os vícios humanos.

**Palavras-chave:** Riso; *Stand up comedy*; *clown*; comédia; transgressão

**Abstract:** This study relates the practices of clown and stand up comedy, combined with experiences in disciplines in the theater course of the Universidade Federal de Uberlândia, participation in the extension project Pediatras do Riso/ Palhaços Visitadores and study in the Grupo de Estudos da Comicidade do Ator (GECA). From the praxis and theoretical reflections described above we observed the different ways in which the two lines of work (clown and stand up comedy) present themselves to an audience. This research starts from a theoretical approach, based on bibliographical references about clown and stand up comedy, as well as a practice, aggregating a field work in living / observing clowns and the research author himself participating as a clown in the hospital. For this, we give a brief definition of the etymology of the word clown and a brief summary of the history of stand up comedy. These categories of observation were defined to try to make comparisons, such as: body, textual, thematic, criticism and reception. Based on the study and discussion, consider that one of the points that most links stand up comedy with clown is the naturalness / spontaneity and also the fact that the two are not afraid to put themselves as ridiculous on the scene. Both make an exposition of human weaknesses, because man is not only made of success, we have the failed side, the imperfect / ridiculous, but that capitalist society tries to hide in search of positive results. The comedy shows how imperfect human beings are in their behaviors, revealing human addictions.

**Keywords:** Laughter; Stand up comedy; Clown; comedy; transgression

## Introdução

O riso faz parte da vida do ser humano e é intrínseco à existência do ser. Desde a mais tenra idade, a criança provoca o sorriso nos adultos, seja por sua espontaneidade, por seus erros, pela descoberta do novo etc. Rir dá prazer ao ser humano. Tanto que peças de teatro com esse tema sempre fizeram sucesso. Os palhaços estão aí há muito tempo, o rei tinha seu bobo da corte, os filmes de comédia fazem um enorme sucesso no presente, como fizeram no passado, vide o exemplo dos filmes de Amácio Mazzaropi, Os Trapalhões e Charlie Chaplin.

Para Henry Bergson (1987), o riso é um fenômeno exclusivamente humano. O que nos faz rir de um cachorro, quando ele faz algo engraçado, como para Vladimir Propp (1992), é a semelhança que observamos que nos remete ao homem. O ser humano ri dos animais porque enxerga algo humano nestes. Alguns cientistas, tais como Robert Provine<sup>4</sup>, Pierre Clastres<sup>5</sup>, Martha Hubner<sup>6</sup>, Emma Otta<sup>7</sup>, Skinner<sup>8</sup>, também afirmam que o riso é do ser humano. Aristóteles também reconhece que o riso é uma característica humana (WEBER, 2014). Contudo, como aponta Patrícia Izar<sup>9</sup> no documentário<sup>10</sup> sobre o riso, existem precursores do riso nos animais, como por exemplo, nos macacos e até mesmo nos ratos. Não é que os outros animais riem, mas existem algumas características nas reações desses que remetem ao riso humano. Dentro do assunto abordado, o cientista que mais se debruçou sobre o riso nos animais foi Jaak Panksepp<sup>11</sup>.

Fato é que o riso vai sendo transformando de acordo com o contexto ao longo dos séculos. O que fazia rir na época de Plauto (230 a.C. - 180 a.C,

<sup>4</sup> Neurocientista e professor de psicologia na Universidade de Maryland.

<sup>5</sup> Antropólogo e etnógrafo francês.

<sup>6</sup> Professora psicologia da USP.

<sup>7</sup> Etóloga da USP.

<sup>8</sup> Autor e psicólogo estadunidense.

<sup>9</sup> Etóloga da USP.

<sup>10</sup> Documentário sobre o riso da Univesp TV de 2015. Disponível no seguinte link < <https://www.youtube.com/watch?v=y3-WPa3wryM>> Acesso em 17 de abril de 2016 às 15h00min

<sup>11</sup> Neurocientista estadunidense que estudou o riso nos animais, segundo ele, os primatas e os ratos usam o riso para distinguir entre a brincadeira e movimentos ameaçadores, ou seja, para mostrar que a luta não é séria. Disponível em <<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/laughter2/info-ciencia.html>> Acesso em 24 de fev. 2018.

Roma), pode ou não fazer rir hoje e vice-versa. O riso é cultural, social e temporal. É entendido de acordo com o contexto sócio-histórico e da transformação da sociedade, acompanhando os progressos e retrocessos. Refletindo, satirizando ou criticando os temas vigentes de sua época, os valores de cada povo, seus costumes e comportamentos.

O riso não ocorre por acaso, sem algum motivo. Por exemplo, para uma pessoa rir da apresentação de um *stand up comedy*, a mesma precisa ter entendido o contexto em que se insere a piada do ator. Entender o contexto da piada é o que leva ao riso, pois as pessoas nem sempre riem do que não conhecem ou não se identificam, segundo Bergson (1987). O riso ocorre do que está próximo, do que liga um ser humano ao outro, mesmo que isso não seja consciente no momento do riso.

O riso conserva alguns princípios que são eternos, como por exemplo, a reflexão do que acontece na sociedade, uma crítica ao poder, a capacidade de transgredir as normas sociais. Também possui alguns personagens que, apesar do passar dos tempos, se mantêm, como por exemplo, o que é passado para trás ou é feito de bobo. Mesmo que, em diferentes contextos históricos, tais personagens, tipos, figuras vão mantendo características similares, como por exemplo, o bobo da corte, Arlequim da *Comédia Dell'Arte* e os palhaços do circo e do teatro. E chegamos ao séc. XXI no qual está em evidência o *stand up comedy*, que comunga de princípios dos anteriores.

Para esta pesquisa foram realizados estudos preliminares sobre o contexto histórico e bibliográfico da comédia, os quais nos trouxeram algumas questões que nos permitiram fazer um recorte diante de tantos dados relacionados ao universo da comédia e selecionamos como fonte de observação duas correntes distintas que parecem ter similitudes e diferenças. Portanto, neste artigo, iremos tecer pontos de semelhanças e diferenças entre palhaço e *stand up comedy*.

Esse estudo surge a partir do interesse do palhaço pesquisador em relação ao tema comédia, a partir de suas vivências em disciplinas no curso de teatro. O projeto inicial foi levantamento bibliográfico sobre a história da comédia e das conversas na orientação, a partir das vivências no grupo de pesquisa sobre comicidade<sup>12</sup> e também na observação dos palhaços em visitas no hospital, do

---

<sup>12</sup> GECA- Grupo de Estudos da Comicidade do Ator-UFU.

projeto “Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores”<sup>13</sup>. Observando as formas com que as duas linhas de trabalho se apresentam para uma plateia, surgiu o interesse de tentar estudar e relacionar o *stand up comedy* com o palhaço, a partir de um trabalho de campo em convivência com os palhaços e o próprio autor da pesquisa sendo palhaço no hospital.

Dessa forma, nas discussões fomentadas pela orientadora deste projeto de iniciação científica, o ponto recortado vai tomando forma e ganhando destaque. Além disso, as aproximações do tema problema vão sendo criadas a partir de leituras, como já dito em observação dos palhaços no hospital, apreciação de *shows de stand up comedy*, como também de vídeos de palhaços e uma variada proposição de temas com repertório sobre comédia oferecida na rede social Youtube, assim como conversas com o comediante de *stand up comedy* Kairo Morlin<sup>14</sup>. A pesquisa foi alimentada de diversas fontes, tanto práticas como teóricas, uma se interligando a outra, uma experiência prática se tornando teoria, e vice-versa. A construção do estudo se baseia no entrelaçamento entre teoria e prática, ambas andam juntas e são inseparáveis.

## Entre palhaços e clowns

A questão do nome palhaço e *clown* é fonte de algumas discussões quanto à origem e se essa última nomenclatura deveria ser usada no Brasil, já que soa com certo tom estrangeiro. O termo palhaço seria para designar o palhaço do circo. Já o termo em inglês *clown* é para o palhaço de teatro. Contudo, como aponta REIS (2003), no livro “Caçadores de Riso”, esses nomes podem ser vistos como sinônimos, em uma vertente, tendo o termo *clown* apenas sendo palhaço em inglês. Esse trabalho não tem como foco discutir essa nomenclatura, que é extensa, e daria muitas páginas. Aqui será usado tanto o termo clown como palhaço, não se preocupando em fazer essa diferenciação. Para Wu (1999), as duas palavras significam a mesma coisa em essência, pois segundo Tessari em uma carta enviada a autora, na confluência da comédia farsesca francesa e italiana, elas ganham um grau de parentesco significativo. No Brasil, usa-se o termo palhaço com mais frequência pela influência do circo italiano, mas acredita-se também que a palavra

<sup>13</sup> Projeto do curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia, no Hospital das Clínicas da mesma instituição.

<sup>14</sup> Estudante do curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

*clown* tem uma influência francesa devido a pesquisadores que se formaram em escola na França e trouxeram na década de 80 a técnica para compartilhar com atores no país, dentro dessa perspectiva também segundo Sachet (2009), o nome *clown*-palhaço torna-se um termo híbrido onde as duas vertentes se confluem em características qualitativas contagiantes para o ator.

### ***Stand Up Comedy***

O *stand up comedy*, nesses últimos anos, teve um aumento considerável de pessoas que se propuseram a atuar por meio desse estilo, também conhecido como comédia em pé, tornando-se um meio ou forma de vida. Na televisão, houve uma proliferação muito grande de concursos relacionados ao tema, tais como o quadro “Quem chega lá” do programa Domingão do Faustão (Rede Globo). Vários nomes do *stand up comedy* se destacaram, tais como: Marcelo Adnet<sup>15</sup>, Gregório Duvivier<sup>16</sup>, Danilo Gentili<sup>17</sup>, etc. Essas pessoas, com formação de ator ou de outras áreas, começaram a entrar na televisão, dando destaque ao *stand up comedy*, tornando essa profissão notória e reconhecida (FARIAS, 2016).

Esse “boom”<sup>18</sup> do *stand up comedy* em meados de 2000 vem despertando a atenção do palhaço pesquisador do presente trabalho já há algum tempo. Buscam-se entender os princípios desse trabalho, suas origens, seus desafios, e principalmente o grande viés crítico dessas pessoas que fazem uma crítica mordaz do cotidiano, em relação a diversos temas munidos apenas de um microfone e seu próprio corpo.

Em relação à questão da crítica social ou pessoal que o *stand up comedy* promove é muito polêmica. Alguns afirmam que ele é extremamente crítico do cotidiano. Já outros apontam que ele reforça preconceitos e confirma o paradigma dominante. Isso pode ser muito bem observado no documentário “O Riso dos Outros”<sup>19</sup>, onde se aborda tanto a visão dos comediantes, como a de pessoas ligadas a movimentos sociais, e afins do tema, no que concerne ao movimento

<sup>15</sup> É um ator, apresentador, e se tornou conhecido nos programas de humor da MTV. Atualmente, está na rede Globo no programa Tá no Ar.

<sup>16</sup> É um ator, roteirista e escritor. Ficou conhecido pelo seu trabalho no Porta dos Fundos.

<sup>17</sup> É um apresentador, comediante, escritor, repórter.

<sup>18</sup> Termo em inglês, que no sentido do presente texto quer dizer grande aumento.

<sup>19</sup> Disponível no seguinte link <[https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54)>.

do politicamente correto, que será abordado mais adiante neste trabalho. Os representantes dos movimentos sociais na maioria das vezes afirmam que o *stand up comedy* reforça preconceitos, já os comediantes questionam isso, dizendo que é uma crítica à sociedade. O comediante Danilo Gentilli diz que toda piada tem um alvo.

Uma das bases da comédia ao longo de todos os tempos é a crítica social, desde a Grécia Antiga, passando por Molière na França, dentre muitos outros, e essa crítica também está presente no *stand up comedy*. A crítica dos costumes da época é um traço marcante na comédia. Os comediantes expõem as mazelas, os vícios, os problemas da sociedade, e conseguem tirar graça disso. Através da leitura de textos cômicos, é possível entender como funcionava uma sociedade. Por exemplo, quando Molière retrata a burguesia nas suas peças, ou quando Martins Pena mostra, em suas peças, os tipos nacionais brasileiros<sup>20</sup>. Também podemos verificar similitudes da comédia de costumes no *stand up comedy*, ao abordar questões do cotidiano nos *shows*.

A presença da crítica à sociedade no *stand up comedy* é um dos motivos para a seleção do recorte da pesquisa, assim como a mesma crítica na ação do palhaço é evidente, pois o palhaço é a representação do humano no avesso, do homem que transgride a sua própria condição séria, por meio da atuação ridente da máscara vermelha, que disfarça a seriedade do ser humano, transformando-o em riso ao rir de si mesmo (WUO, 2019). Por isso se relaciona o palhaço com o *stand up comedy*, pois ambos também possuem uma grande carga crítica no seu trabalho, seja essa da sociedade e seus valores em si, como do ser humano individual, do corpo etc. Mesmo que, às vezes, no caso tanto do *stand up comedy* como do palhaço, essa crítica possa ou não ser evidente em um primeiro olhar.

Outro motivo é um certo teor de despudor, o não ter medo de ser ridículo em público. Celebrar com o público os seus fracassos, e com isso chegar ao riso que tanto o *stand up comedy* como o palhaço o fazem. Algumas vezes o palhaço faz coisas que as pessoas têm vontade e não podem fazer, como por exemplo, quando ele sai cantando e dançando por um corredor de um hospital, brincando com uma pessoa ou com várias pessoas as quais não conhece e nunca viu antes. Não fica com aquele pensamento de autocontrole, “e se eu parecer ridículo e rirem de mim”, “não quero chamar a atenção”, não tem um policiamento sobre si mesmo.

---

<sup>20</sup> Os dados aqui são a partir das aulas do professor Luiz Humberto Arantes na disciplina de Teatro Brasileiro no curso de Teatro da UFU no primeiro semestre de 2014.



O ator de *stand up comedy* diz coisas que muitas pessoas pensam, mas não podem dizer, por regras sociais, preservação de imagem, reputação. É sempre uma exposição do ridículo de si próprio, usando termos escatológicos, palavrões; o que somos treinados desde a infância para não falar ou fazer. Como por exemplo, se fôssemos fazer uma crítica usando o humor sobre o capitalismo que prega o sucesso, acumulação de bens. O capitalismo impõe que o ser humano mostre somente seu lado positivo como sinônimo de bem-sucedido, e o negativo deve ficar escondido. Esse tema é sempre um prato cheio para a crítica dos humoristas. Sendo assim, palhaço e *stand up comedy* revelam nas suas apresentações a inadequação, o fracasso, o ridículo de si próprio e do ser humano. Podemos entender com a ação dessas duas abordagens uma quebra com a imagem de sucesso gerada pela acumulação de bens, e uma crítica em relação à opressão que o capitalismo neoliberal provoca na sociedade, a pregação da perfeição da forma e dos atos, a sempre busca por resultados, pelo sucesso, por ser o funcionário do mês, criação de ídolos e mitos.

O palhaço e o *stand up comedy* trazem características humanas que, muitas vezes, nós na sociedade tentamos esconder/disfarçar. Reconhecemo-nos na figura a que estamos assistindo, e disso vem o riso, o reconhecimento de si no outro. No show de *stand up comedy* do Whindersson Nunes<sup>21</sup>, observado pelo pesquisador, as pessoas falavam que já tinham feito isso que o comediante estava contando. Como por exemplo, o comediante contava que, quando a criança se machucava, a mãe já esperava na porta com um chinelo na mão, a criança já vinha chorando, pois ia apanhar mais. As pessoas da plateia diziam que faziam isso com seus filhos ou seus pais fizeram isso com elas.

## Surgimento do Stand up Comedy

O *stand up comedy* tem suas raízes primeiras nos circos, no teatro de revista e nos vaudevilles<sup>22</sup>, com as pessoas que apresentavam as atrações, que dentre uma e outra contavam algo engraçado. Nos EUA, os mestres de cerimônias vão ser um dos precursores do *stand up comedy*. E a partir de 1950, vão surgindo atores que dão forma aos primórdios do que hoje é conhecido como *stand up comedy* (FARIAS, 2015).

<sup>21</sup> Show apresentado no dia 3 de abril de 2016 em Uberlândia MG.

<sup>22</sup> Teatro de variedades com shows, danças, balé, etc.

No Brasil, vamos ter a figura do “One Man Show”, que além das piadas, tem números musicais, imitações, personagens, etc. Como exemplo, temos Chico Anysio, Jô Soares e José Vasconcelos (FARIAS, 2015).

A partir do século XXI, o nome *stand up comedy* que surgiu nos EUA chega ao Brasil e começam a aparecer pessoas que já fazia esse tipo de encenação individualmente. Em 2005, é fundado o 1º grupo de *stand up comedy* do Brasil, o Comédia em Pé, no Rio de Janeiro. Depois surgem outros em São Paulo, e no Paraná, primeiramente. Quando a tevê começa abordar esse assunto, tornando-o conhecido, com os concursos, surge uma maior quantidade de pessoas a fazer essa atividade. Aparecem também os “comedy clubs”, que são onde os comediantes de *stand up comedy* se apresentam. Um dos primeiros foi o “Comedy Club de Curitiba” (FARIAS, 2015).

### **A Questão do politicamente Correto**

O termo “politicamente correto” está em pauta no séc. XXI pela grande proliferação do *stand up comedy* pelo país, e com o surgimento de diversos comediantes, cada qual com sua personalidade, tratando no palco sobre diversos temas e pessoas. Com isso, vários comediantes, como por exemplo, Rafinha Bastos, já foram processados. E esse termo é repleto de polêmicas, pois como abordado no documentário “O riso dos outros”, enquanto uns o defendem como uma forma de defesa da minoria, outros o rechaçam, taxando-o como uma forma de censura e reforço de preconceitos e visões estereotipadas, no caso, os comediantes dizem que é censura e os representantes das classes citadas que é uma proteção aos seus direitos. Como aponta Alves: “Por outro lado, o direito à liberdade de expressão não é absoluto, pois são defesos por lei qualquer propaganda a favor da guerra, o discurso e apologia ao ódio, à incitação à violência ou ao delito e qualquer tipo de discriminação” (2015, p. 133).

“O humor açambarca o estado de espírito e o temperamento do indivíduo e o humorista geralmente utiliza-se do cotidiano e do meio cultural em que está inserido para fazer rir sua plateia” (ALVES, 2015, p. 133). No entanto, a questão envolve muitos lados, e devemos pensar sobre ela, ao realizar o seu *show* de *stand up comedy*, mesmo que inconsciente, o humorista emite um posicionamento ideológico. Mesmo que alguns humoristas digam que é apenas uma piada, isso por si só não consegue explicar toda a questão que vem à tona.

Politicamente incorreto é fazer, falar e agir de forma diversa dos limites psicológicos e culturais impostos pela sociedade. O comportamento do politicamente correto é moldado conforme a aceitação da sociedade na utilização de termos, constituindo parâmetros de comparação em temas “sensíveis”, ou seja, temas considerados tabus por tratarem de forma diferente a minoria, que não é igual ao restante da sociedade. Caso não houvesse diferenças, não seria visto como minoria e, sim, parte integrante da complexa sociedade. Dessa forma, ao evitar falar em certos assuntos referentes às diferenças das minorias, afirma-se isonomia aos desiguais, o que nem sempre é aceito por alguns (ALVES, 2015, p. 145).

A questão do politicamente incorreto está presente tanto no trabalho do palhaço como do comediante *stand up comedy*, que trabalham com a transgressão dos padrões comportamentais da sociedade, da perfeição pregada pela mídia e os meios de comunicação, e disseminada pelo mundo. Por exemplo, o palhaço ao entrar no hospital com todo o seu jeito desengonçado, o seu figurino extravagante quebra com todo o padrão de seriedade daquele local. O comediante de *stand up comedy*, ao falar palavrões, sobre sexo e temas escatológicos, ou ao abordar temas do cotidiano de um modo diferente, diz o que somos treinados desde criança para não falar em público. Ambos fazem uma quebra de padrão, como diz Bergson (1987) que a comédia é a reta transversal que quebra a reta horizontal da normalidade e padronização. Palhaço e *stand up comedy* propõem novas formas de olhar e agir no cotidiano, fazem uma reconstrução da realidade.

O maior uso do politicamente correto no séc. XXI tem a ver com a ascensão de classes como os negros e os gays, que gera um mal-estar ao expor estas em público, devido a todo histórico de sofrimento dessa camada da sociedade. E na luta por direitos essas classes vem se blindando, no objetivo de manterem esses mesmos direitos e não serem motivo de risos (ALVES, 2015).

Bruno Dallare<sup>23</sup> considera o movimento do politicamente correto de autoritário, arbitrário e cerceador. Ele questiona qual a melhor forma de se referir aos negros, idosos e homossexuais e quais devem ser as palavras certas para não ofendê-los. O movimento do politicamente correto nasceu na década de 70 nos EUA e ganha força nas universidades estadunidenses a partir dos anos 80, fazendo parte da política de luta pelos direitos civis. Dez anos depois chega ao Brasil,

---

<sup>23</sup> Professor de linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

traz como eixo a exclusão de certos vocábulos para evitar ações preconceituosas de idade, orientação sexual, condição social e física, raça e gênero. Essa questão mexe muito com quem trabalha com a palavra, como por exemplo os escritores, músicos, intelectuais, os humoristas de *stand up comedy*. Bruno Dallare diz, “Ele provoca efeito contrário ao que defende. Ao seguir regras, a pessoa perde a naturalidade e se distancia do interlocutor.” Técnicos da Embratur criaram as expressões “terceira idade” e “melhor idade” para nomear pacotes de viagens para os idosos, tendo como objetivo o mascaramento da velhice. Tudo com base em uma jogada de *marketing* para atrair clientes. Já existem profissionais de turismo usando a expressão “suave idade”, Dallare questiona se essa realmente é a fase mais suave da vida, apontando que ocorre uma falta de bom senso na proposição desses termos (ALVES, 2015).

Relata Alves (2015) que o movimento politicamente correto é muito criticado pelos humoristas, pois o veem com um moralismo exacerbado, dizendo que o humor faz parte das culturas locais, e que cada um a seu modo tem uma forma de contar a piada. E que a piada está presente nestas comunidades há séculos. Por exemplo, os humoristas do Nordeste que têm seu jeito característico de contar a piada, com o sotaque característico da região, o mesmo pode-se dizer dos contadores de causos do sudeste.

A sociedade não é monolítica, no mundo existem regiões extremamente diversas umas das outras, e mesmo dentro de uma mesma região as pessoas são muito diferentes, o que torna o mundo mais rico culturalmente. “Assim, à medida que se limita ou até restringe a liberdade de expressão, acaba-se com a criatividade, os pensamentos e expressões são amordaçados e o conteúdo cultural da sociedade da informação fica mitigado em nome do politicamente correto” (ALVES, 2015, p. 165).

A questão do politicamente correto entra na discussão do palhaço e do *stand up comedy*, pois está imbricada no fazer de ambos, que lidam com temas tabus para a sociedade, tanto numa atuação no palco, rua, praça, feira ou em um hospital. A partir do surgimento da noção de um princípio conceitual do politicamente correto no meio artístico contemporâneo, esse ponto do limite, precisa ser reavaliado no que se deve ou não dizer ou fazer, e por que não fazer. A partir do tema discutido acima, começa a se pensar e questionar o trabalho com a comédia. Qual o limite da comédia? Existe esse limite? Deve haver censura?

Quais os limites da piada? Dá para rir de tudo? Questões, que surgem para quem trabalha com *stand up comedy* e com palhaço, em seus diversos contextos de atuação.

### **Pontos de semelhança entre o palhaço/*clown* e o *stand up comedy***

Ao fazer a observação da atuação dos palhaços no hospital durante o ano de 2016, como em espetáculos, e também em vídeos na internet<sup>24</sup> e, ao mesmo tempo, observando *stand up comedy* nas redes sociais, TV e *shows*, é possível tentar encontrar alguns pontos de confluências dessas duas formas de humor. A partir das conversas com a orientadora, foram definidas categorias de observação para tentar tecer comparações, tais como: corporal: como o corpo se expressa, textual: qual a abordagem escrita ou discursiva, temática: quais temas são abordados, crítica: qual a abordagem crítica e a recepção: como é a relação com o público?

#### **Corporal**

Um primeiro ponto de observação em relação as suas linhas é a recorrência a mimeses do corpo do outro, imitação de ações físicas e vocais como mote de criação do tema a ser abordado naquela apresentação que o comediante de *stand up comedy* ou palhaço fará.

A imitação das pessoas faz parte tanto dos palhaços como do *stand up comedy*. O palhaço observa o andar, a voz, gestos e refaz isso, dando uma ampliação corporal, o que torna cômico, como se fosse uma lente de aumento. No *stand up comedy*, o comediante conta histórias com o corpo no palco, que viveu, ou aconteceu com algum conhecido, e muitas vezes também imita as pessoas enquanto conta. Ambos observam o cotidiano e transpõem isso para a cena/palco/corpo. É um processo de trazer as características do que se conta ou observa para o próprio corpo, promovendo isso como uma ação corporal.

Tem-se uma quebra com a ordem, rompe com o estabelecido. O palhaço faz, mostra e fala de fatos que as pessoas não fariam, por exemplo, no hospital ou na rua. O mesmo faz o comediante do *stand up comedy*, que diz o que as pessoas não têm coragem de dizer. De certa forma, mesmo que não escrito, existe um padrão de se agir em sociedade, um modelo de bom comportamento. O que não age assim é taxado de estranho, e muitas vezes pode levar ao riso. E o *clown* e o *stand*

<sup>24</sup> Os vídeos observados estão elencados no apêndice.

*up comedy* saem dessa padronização, dando um aumento, exagero ou evidência nas ações das pessoas, o que leva ao riso. O que destoa do ambiente, que está ali, mas ao mesmo tempo pode parecer que não é dali causa comicidade.

Henri Bergson (2001) aponta que a rigidez contém em si um caráter cômico e o riso ocorre da quebra do sério, ou seja, a quebra da mecanicidade da sociedade produz o riso. Para Weber (2014, p.9), Bergson apresenta fatos de ruptura como, por exemplo, “o tropeço de alguém que causa riso para demonstrar que ele ocorre de maneira semelhante a uma convulsão, um espirro ou um soluço, transformando o que parecia ruim em algo tragicamente cômico”.

## Recepção

A relação com o público e com a plateia é bem presente em ambos os casos. O palhaço se alimenta dos espaços, da relação com o público. Nessa relação, ele constrói sua comicidade, e traz o riso. A partir da imitação de traços das pessoas ou coisas que estão em seu entorno. O mesmo faz o comediante de *stand up comedy*, que interage constantemente com o espectador. Uma forma de deixar a plateia presa na sua história é uma maneira de integrar o que acontece no aqui/agora, com o roteiro de improvisação que vai incorporando na cena. Como pode haver um corte/secção no roteiro para usar o que surgiu de fértil no observado no momento. Integra o que acontece na sua volta no jogo. Assim, é um olhar de atenção e prontidão, que pega o mínimo e coloca fermento para fazer numa analogia de “transformar um bolinho de chuva em um bolo de aniversário”. Como diz a orientadora dessa pesquisa, o palhaço usa a escuta do olhar, ou seja, tem que estar receptivo para o que acontece no momento, o mesmo pode ser dito do *stand up comedy*, para repetir as falas ou ações que tem efeito cômico.

A repetição faz parte tanto do trabalho do palhaço como do *stand up comedy*. Repetir o que dá certo, o que despertou a atenção do público e levou à gargalhada. Seja uma frase, um gesto, ou uma partitura de movimento, nesse processo é possível prolongar o riso por mais um tempo, sem ter que partir em busca de uma nova proposta, para se chegar ao riso. Essa repetição tem um limite para evidenciar o ridículo, mas não se pode chegar ao esgotamento do mesmo, ao tédio e à previsibilidade. O limite é encontrado na percepção e na relação com o público participante naquela hora e local.

Assim, o trabalho desenvolvido com a temática do “ridículo” possui uma fonte de embasamento pautado na “seriedade” que envolvem críticas sociais. O palhaço como o comediante de *stand up comedy* menciona ou faz determinada coisa com tamanha verdade, como se o que está sendo dito ou feito fosse o mais comum/natural/trivial possível. Com isso, há um ganho de credibilidade, confiança no ridículo do palhaço ou do *stand up comedy*, pois a plateia se sente contemplada, espelhada pela temática exposta.

O resultado só é alcançado na presença do público que valida ou não a piada, por meio da manifestação do riso. De certa forma, o público é o termômetro do humor. Desta forma, se acumula um repertório, a partir do que funciona ou não com o público. Tanto nos pontos positivos como nos negativos, onde devem ser reavaliados, buscar novos caminhos, formas ou perceber o tempo cômico de uma ação verbal ou gestual.

O tempo cômico é a grande arma ou um mecanismo, tanto do palhaço como do *stand up comedy*. Às vezes, tem que ser muito rápido, outras lentamente, ou em graduações. Essa alteração de velocidade, ou permanência produz o riso, por meio da temporalidade cômica.

O palhaço e o *stand up comedy* atuam com o rir de si mesmo, ou seja, com a exposição dos defeitos, com a ideia de sucesso e fracasso. É uma celebração dos erros em público. Uma exposição ridícula, que a maioria dos seres humanos querem esconder e temem revelar, o palhaço e o *stand up comedy* expõem isso, e com isso promovem o riso. A exposição de aspectos ridículos pelo palhaço e comediante de *stand up comedy* produz um certo empoderamento que os protege, porque são os primeiros a apontar seus próprios defeitos, antes de outras pessoas apontarem. Dessa forma, são bem-sucedidos em expor seus fracassos em cena.

Àqueles que bem sabem utilizá-lo, o riso concede o poder do desmascaramento, funcionando como uma arma capaz de expor ao ridículo e destruir o alvo ao qual se dirige. “Daí pode-se concluir que o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente.” (PROPP, 1992, p.44). O riso é sempre uma reversão de expectativa. Faz parte de um jogo que surpreende o espectador diante de uma proposição inesperada (ABRANTES, 2004, p. 18).

O riso pode vir só do corpo. Como também só da fala, ou de uma junção dos dois. No caso do *stand up comedy*, a expressão corporal, facial e tom de voz

fazem parte da elaboração da piada. Para o palhaço, o mesmo vale para as *gags* (cenas palhacescas). Em suma, a ação física evidente aos olhos, atua como uma linguagem não verbal que produz o efeito cômico.

Então a relação do palhaço e do comediante de *stand up comedy* com a plateia se dá pelo olhar. Vários pensamentos são primeiramente esboçados com um olhar, que pode ser de aprovação, de medo, de cumplicidade, etc. É um olhar de captura que precisa que o público devolva a resposta, que será incorporada no show/espetáculo. Por exemplo, quando um humorista de *stand up comedy* observa ou fraga uma pessoa rindo na plateia, a primeira reação do comediante está no olhar, depois virá a fala. O palhaço também age da mesma forma, escuta com o olhar, depois revela o pensamento com os olhos. Constata-se que as duas linhas de trabalho dependem exclusivamente da relação com e da apreciação/resposta do espectador para com seus números ou cenas. É um trabalho que leva uma relação direta com o público, uma conversa olho no olho, ao mesmo tempo em que o ator ou o palhaço olha o espectador, o espectador olha o ator/palhaço, resultando na escuta do olhar ou num tipo de olhar escuta.

## Temática

129

O comediante de *stand up comedy* tem como base de seu trabalho a temática cotidiana, é do cotidiano que ele tira os temas para construir seus textos. É a partir da revelação de como o ser humano pode ser “ridículo” nos seus comportamentos, na sua vida em sociedade, que o comediante de *stand up comedy* chega ao riso. Também trazendo e expondo a sua própria vida no palco, seus defeitos, seus erros, o comediante de *stand up comedy* produz o riso.

O palhaço também é um ser que observa o mundo, o cotidiano, e a partir disso, estabelece seu jogo, nos mais diversos espaços pelos quais circula. Seja como uma pessoa anda, fala, ou onde está naquele momento, o palhaço se alimenta disso. Como também da própria figura do ator que está por trás do nariz vermelho, trazendo seu jeito pessoal de se comportar e ampliando seu modo bem-humorado de ser.

Sendo assim, o riso suscitado pelo humor, se alimenta de situações humanas cotidianas inseridas na sociedade e do reconhecimento da ação de um ser humano naquela situação, ou mesmo da identificação de alguém conhecido que já passou por aquilo. Então, na construção de seus números, o palhaço e o *stand up*



*comedy* se nutrem do cotidiano, do comportamento do ser, a partir de uma escuta cômica do olhar.

## **Crítica**

O *stand up comedy* e o palhaço, ao levar o observado no cotidiano para o “palco”, faz o ser humano ao se ver representado, pensar nos seus comportamentos e atos/ações. A partir disso, vem à consciência crítica dos comportamentos, de como as nossas ações podem ser ridículas e engraçadas.

A crítica se revela a partir da abordagem que o palhaço e o *stand up comedy* apresentam em cena, isso se liga a forma de falar, a expressão facial e corporal, em como ambos se posicionam ao que fazem/demonstram. Por exemplo, o *stand up comedy*, ao contar/relatar determinado fato/piada no palco, percebe-se na sua fala e no corpo a sua posição pessoal em relação ao tema. Daí surge a crítica à sociedade, só pelo fato de expor no palco e colocar o tema em discussão, mostrando que existe de fato na sociedade, colocando o público para pensar. Pautando tais observações em apreciações de *shows*, espetáculos, vídeos da internet ou em vivências práticas como palhaço no hospital.

Como já foi mencionado ao longo do texto e observado no documentário “O riso dos outros”, existem grupos que defendem que o *stand up comedy* apenas reforça preconceitos. Claro que também não é generalista, mas depende de qual comediante de *stand up comedy* se está falando, qual tema foi abordado, e como foi tratado. O texto escrito não consegue abarcar como uma piada foi feita pelo comediante no palco. Então, é um assunto muito complexo, com vários ângulos e pontos de vistas. Tirar uma piada do contexto em que ela foi dita ou criada em um *show* de *stand up comedy*, recortar só uma frase e colocar em um jornal, descontextualiza, pois o *stand up comedy* não é só feito de palavras, mas envolve toda a atuação corporal do comediante, a modulação da voz que ele usou, a ironia que estava na fala. A escrita não consegue abarcar todos esses aspectos.

Contudo, percebe-se no trabalho do palhaço e do *stand up comedy* um viés muito crítico, ao levar os fatos observados no cotidiano para o palco, revelando isso ao público, fazendo-o pensar e se reconhecer em tal acontecimento, porque o humor tem sarcasmo, pois ao falar algo com o olhar ou com uma parte do corpo, pode-se revelar uma crítica a tal comportamento. O próprio fato de o palhaço imitar alguém, e nesse imitar, dilatar uma ação do outro, pode produzir uma crítica a tal comportamento da pessoa imitada.

Dessa forma, percebemos que a crítica, pode estar na fala, no corpo, na oposição fala-corpo, ou na soma de ambos (FERREIRA, 2001). O palhaço e o comediante de *stand up comedy* trabalham muito com a ironia, no qual você diz o contrário do que quer dar a entender. Nisso, despertando uma dúvida em quem assiste ao espetáculo, o que o leva a pensar, questionar ou criticar sobre o que vê em cena.

## Textual

O *stand up comedy* propõe que o comediante seja ele mesmo, tendo inclusive que criar uma demanda de texto autoral. O comediante deixa transparecer sua personalidade, procurando focar suas características mais fortes. Dessa forma, é algo muito individual. Como no caso do palhaço, que se procura revelar o lado ridículo por meio do uso da máscara vermelha. O palhaço de cada ator é único, pois é uma construção própria de si mesmo. A partir das suas vivências e características ridículas:

[...] o ridículo aqui se manifesta nas coisas e nas pessoas, tudo que aparentemente é funcional e se mostra esquisito – em falta ou em exagero - ao gosto da maioria, como vimos antes, no cômico das coisas, as anomalias e deformidades e tudo que contrarie nossa noção de proporção e harmonia suscitará o riso (WASSERMAN, 2005, p. 39 apud WEBER, 2014, p. 22).

O nariz vermelho do palhaço revela singularidades, em sua origem alguns autores o associam ao nariz vermelho do bêbado. E a figura do bêbado também tem a ver com o *stand up comedy*, ou seja, o que não tem pudor de dizer e fazer coisas ridículas em cena. Esse tipo de ação quebra a noção de “bom comportamento” incutido pela sociedade, na qual cada ser não pode incomodar a ordem vigente. Em alguns casos, o bêbado, até tem censura, mas na sua embriaguez, brinca com a ela, produzindo um ato de se auto ironizar, ou rir dos outros e rir de si próprio. Essa não censura que é uma característica que o bêbado tem de inadequação, também o palhaço e o *stand up comedy*, de certa forma apresentam. Uma certa inadequação em desequilíbrio perante o público/sociedade, num jogo de cair e levantar a sua própria humanidade. (ALMEIDA, O CLOWN DE CADA UM, s/d)<sup>25</sup>. Ferreira (2012, p.6) menciona que:

<sup>25</sup> Fala de Cida Almeida, no documentário Teatro e circunstância: Entre técnicas e estilos: o clown de cada um. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K84ngb0z1ic>>. Acesso em 27 de jun. 2016.

Neste sentido, o jogo do palhaço passa pela exposição do ridículo daquele determinado artista, suas fraquezas, fracassos, exibindo uma humanidade em estado latente. Torna-se, portanto, praticamente inconcebível que nesta figura cômica, com tal grau de instabilidade, residam somente os aspectos meigos da natureza humana.

Dessa forma, o palhaço, ao revelar os fracassos e inadequações, produz no espetador um riso libertador. Como aponta Elias Thomé Saliba<sup>26</sup> no documentário sobre o riso: o riso é uma forma de libertação, quando se fala de algo dramático de forma jocosa. Portanto, ao fazer a quebra da padronização da sociedade, mostrando outras formas de ver o mundo, tanto o *clown* e o *stand up comedy*, abrem possibilidades de ver que as coisas podem ser diferentes, no sentido de cada um ter autonomia para brincar com seus conceitos ou pré-conceitos. Na questão da autonomia, como já disse Paulo Freire (2003), mudar é uma possibilidade e um direito, isso é o que o autor propõe com a pedagogia, não pretendemos enveredar pelo assunto freiriano, mas apenas aproximar ideias, pois ele nos ajuda a entender alguns pontos em questão, sobre o que um palhaço, o *stand up comedy* e a comédia nos ensina, propondo novas possibilidades de ver e atuar no mundo.

### Possíveis diferenças entre *stand up comedy* e palhaço

132

A questão do figurino é um elemento que chama bastante a atenção para a diferença. O palhaço usa mais cores, maquiagens e adereços. Já o *stand up comedy* se propõe mais neutro, com uma roupa no estilo informal, do cotidiano mesmo. Como se fosse uma conversa em casa. O palhaço tem toda uma construção de figurino. Contudo, como é algo muito pessoal, essa escolha, também pode se ligar ao *stand up comedy* nesse ponto. Porque assim, como é o próprio ator que escolhe seu figurino como palhaço, a partir das suas questões. Como diz Bete Dorgam<sup>27</sup>, que se deve colocar o nariz e escolher a roupa de clown, sendo que o palhaço deve se sentir bem na roupa<sup>28</sup>. O ator do *stand up comedy* faz a mesma coisa: escolhe a roupa de acordo com a sua personalidade. Vale salientar, que tem *stand up comedy* sem figurino e humoristas que fazem *stand up comedy*, com personagens.

<sup>26</sup> SP- pesquisa- O riso- 1º bloco. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=y-3-WPa3wryM>> Acesso em: 15 abril. 2016.

<sup>27</sup> No documentário Teatro e circunstância: Entre técnicas e estilos: o clown de cada um. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K84ngb0z1ic>>.

<sup>28</sup> Claro que existem outras teorias para o clown, que dizem que ele deve se sentir desconfortável na sua roupa, para revelar mais a inadequação, o desajeitamento. Contudo, o autor se posiciona de acordo com o que diz Bete Dorgam.

O espaço de apresentação do *stand up comedy* geralmente é um palco com um microfone, podendo ser em um teatro ou bar, ou televisão. O palhaço age em diversos ambientes, tais como hospitais, feiras e ruas. O *stand up comedy* tem a movimentação mais circunscrita ao palco, já o palhaço se movimenta pelo espaço livremente. Dentro claro da possibilidade de acesso a determinado espaço.

Observa-se que o palhaço e o *stand up comedy* são formas de fazer humor que dialogam entre si em alguns pontos, tais como: uso do ridículo, velocidade, carisma, escuta, exposição, inadequação, quebra, etc. E que, apesar de usarem, às vezes, espaços diferentes, os princípios de humor são muito semelhantes, sendo possível estabelecer um diálogo entre ambos. Acima de tudo, ambos se propõem ao riso, fazer o outro rir, expondo o quanto nós, seres humanos, somos ridículos.

### **Considerações finais**

A partir da discussão levantada acima, considera-se que um dos pontos que mais aproxima o *stand up comedy* com o palhaço/*clown* é a naturalidade/espontaneidade, o não ter medo de se colocar como um ser ridículo, exposição das fraquezas, do fracassar, que são traços humanos. O homem não é feito só de sucesso, temos o lado fracassado, imperfeito. A comédia mostra isso em suas várias vertentes, como se fosse uma lente de aumento.

A quebra com o conceito de linearidade, ou seja, com o padrão/lógico social que o ser humano mantém na convivência em sociedade, também está presente tanto no palhaço como no *stand up comedy*, e o riso algumas vezes expressado pela plateia vem disso. O riso vem a partir do que o público não espera que eles tenham coragem de dizer ou fazer, no qual o público ri se perguntando “como ele teve coragem de dizer ou fazer isso?”. Percebe-se talvez a perplexidade da fala ou da ação dos atores, que se expressam com termos ou formas corporais tão ridículas que essa maneira se torna cômica e leva ao riso o público. Tais reflexões apontadas nessas considerações também são fruto de observações feitas em campo, tais como em *shows* de *stand up comedy*, espetáculos de palhaço, a minha própria experiência enquanto palhaço voluntário do projeto Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, que ocorria uma visita semanal, como ator vestido de palhaço, visitava em dupla com outro palhaço, o quarto de crianças internadas na pediatria, UTI pediátrica e adultos na Clínica Médica, Hemodiálise, Pronto Socorro, Transplante Renal, além dos corredores e áreas do arquivo/faturamento e recepção do HC.

Além dessas reflexões acima citadas, outros assuntos com aspectos subjetivos tais como: a arte imediata, improvisacional com o inesperado, presencial, demonstram similaridades com relação a presença e atuação no aqui/ agora tanto do *stand up comedy* e do *clown*. Outro aspecto observado foi a escuta atenta do ambiente, da plateia, como se pudesse “pescar” o que esta propõe, dando um foco para essa proposição, para tornar isso risível. Os humoristas desenvolvem ou aprendem a desenvolver de forma sensível essa relação com a plateia, dessa forma apresentam de maneira aguçada uma sensibilidade de perceber o momento de inserir a piada/gag, fazendo o que a professora Ana Elvira Wu pesquisa no pós-doc atualmente de “Escuta do olhar”.

Com seu carisma, o palhaço como o comediante de *stand up comedy*, tem algo que envolve. Talvez isso também seja pela velocidade que eles agem. Isso acaba envolvendo, prendendo o público, levando-o junto na mesma viagem.

A quebra com a noção de cotidiano, com o termo estabelecido como “normal” socialmente, acaba revelando outros lados do ser humano, de ridículo, fracasso, imperfeição, asco, etc. Isso passa tanto pelo clown como pelo *stand up comedy*. O que a sociedade capitalista neoliberal tenta esconder, ou seja, que o ser humano é imperfeito, e que ele não vive só de sucesso, de acertos, mas que ele também tem problemas, arrotas, soltas pum, assua o nariz e tira catarro, etc. Assim, o palhaço e o *stand up comedy* revelam nos seus trabalhos a escatologia, mostrando que somos humanos dessa forma. Isso gera uma certa identificação, que leva ao riso. Um riso de confiança, cumplicidade, reconhecimento para determinada situação, mesmo que seja inconsciente. Nessa hora o espectador apreciando um espetáculo cômico, hipoteticamente, pensa e se reconhece: “Eu já fiz isso, que ridículo!” ou conhece alguém que faz ou já fez.

Finalizando as discussões até aqui abordadas, segundo compreensão de leituras realizadas, a comédia reporta o homem para a terra, para si. Enquanto que, em alguns contextos, o ser humano almeja ter a perfeição dos deuses, produzindo um velado mascaramento social de si, este cai por terra ao entrar em contato com o humor e com a atuação artística cômica, nos tornando consciente das nossas imperfeições e erros. A comédia nos lembra do quanto somos ridículos na nossa busca pela perfeição e eficiência.

## Referências

ALVES, José Cláudio Rodrigues. **Liberdade de expressão e programas humorísticos**. Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN – v. 17, n. 1, p. 131-171, jan./abr. 2015.

ABRANTES, Adriana Aparecida. **Um Conto de Fadas Contemporâneo: A comédia romântica**. Juiz de Fora, 2004. Disponível no seguinte link <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/AdrianaAparecidaAbrantes.pdf>> Acesso em 2 de jun. 2016.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987.

CEREBROMENTE. **O poder do riso**. Disponível em <<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/laughter2/info-ciencia.html>> Acesso em 24 de fev. 2018.

FARIAS, Gisele Aparecida. **Memorial de construção do número de Stand Up Comedy: Por que eu não sou magra!**. Florianópolis, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/132849/TCC%20Gisele%20Aparecida%20Farias.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 31 de março de 2016.

FERREIRA, Andre Luiz Rodrigues. **Transgressão na máscara do palhaço**. Disponível em <<http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/3039/2459>> Acesso em 13 de jun. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MRTHETOPVÍDEOS. **O riso dos outros**. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54)> Acesso em: 15 abril. 2016.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

REIS, Demian Moreira. **Caçadores de Risos: o maravilhoso mundo da palhaçaria**. Salvador, EDUFBA, 2013.

SESC TV. **Teatro e circunstância- Entre técnicas e estilos- O clown de cada um**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K84ngb0z1ic>> Acesso em: 15 abril. 2016.

UNIVESP TV. **SP- pesquisa- O riso- 1º bloco**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=y3-WPa3wryM>> Acesso em: 15 abril. 2016.

UNIVESP TV. SP- pesquisa- O riso- 2º bloco. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NOsPwjIcwqs>> Acesso em: 15 abril. 2016.

WEBER, Ana Claudia. **A Utilização do Humor na Publicidade: Um estudo sobre o canal Porta dos Fundos**. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103480/000934505.pdf?sequence=1>> Acesso em 2 de jun. 2016.

WUO, Ana Elvira. **Aprendiz de clown: abordagem processológica para iniciação à comicidade**. 1ª ed. Jundiaí, Paco Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. **O clown visitante no tratamento de crianças hospitalizadas**. Dissertação de mestrado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

## Anexos

Vídeos de clowns e stand up comedy observados ao longo da pesquisa no ano de 2016:

Amo Gulinello. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fkjQUxedbGQ>>

Avner o excêntrico part. 1. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kguuPM5IPw0>>

Avner o excêntrico part. 2. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iIozJFAIIGE>>

Clown Durilov – vol. 1. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8FchExBRIso>>

Clown Durilov – vol. 2. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FPLCH-fmzVM>>

Clown Durilov- vol. 4. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tlhzLv41-UE>>

Danilo Gentili em Brasília. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3NkH5fdnPIA>>

Fábio Porchat Fora do Normal- Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=jtvo\\_SsI6uM](https://www.youtube.com/watch?v=jtvo_SsI6uM)>

Licidei (números de clowns)- Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8dam24-emUQ>>

Marcos Veras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1wsdERI2osg>>

Rafinha Bastos em péssima influência. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JloWLBILApE>>

Rafinha Bastos em a arte do insulto. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Df1xqxEGpjc>>